



Manejo Cultural da Cultivar BRS Marrom - Cultivos Convencional e Orgânico

Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão¹

O algodoeiro perene de fibra de cor, BRS 200 Marrom, já é uma realidade a nível de produtor, tendo sido cultivado com sucesso por centenas de pequenos produtores ligados a agricultura familiar no Estado da Paraíba. Com a ampliação do consórcio Natural Fashion e a abertura de novos mercados interna e externamente a possibilidade de ampliação da cultura do algodão colorido no Estado da Paraíba e em outros Estados da região Nordeste é elevada, tendo mercado para a produção de mais de 20.000ha. Com este trabalho, objetivou-se levar ao conhecimento dos agentes de extensão rural e demais técnicos ligados a cadeia do algodão os passos tecnológicos do sistema de produção recomendado pela Embrapa Algodão para os agricultores familiares.

Época de Plantio

Recomenda-se seguir o calendário do

Zoneamento Agrícola no MAA para a cultura do algodoeiro arbóreo no Nordeste, em condições de sequeiro. Por exemplo, Patos é em fevereiro.

Em regime de irrigação sincronizar o período de plantio para colher em tempo sem chuvas para não prejudicar a qualidade da fibra.

Preparo do Solo

De preferência com arado de aiveca apropriado para cada tipo de solo. Usar grande leve e não usar grade aradora, pesada, pois promove a compactação do solo.

Espaçamento, Densidade e Profundidade de Plantio

Em regime solteiro (Isolado) 1,0 m x 0,5 m, 2 plantas cova (Plantio manual, matraca) 1,0 m x 0,3 m, 3 a 5 plantas/m.

¹Eng. Agrôn., D.Sc., da Embrapa Algodão, Rua Osvaldo Cruz, 1143, Centenário, CEP 58107-720, Campina Grande, PB. E-mail: nbeltrao@cnpa.embrapa.br

Em consorciação

Algodão + feijão de corda (caupi) 1,5 m x 0,3 m ou 0,4 m (algodão) + feijão caupi no meio das fileiras do algodão na densidade de 0,3 m entre plantas, plantados de 7 a 10 dias depois do algodão, ciclo curto e híbrido de crescimento ereto.

Profundidade de plantio: de 2,5 cm a 4,0 cm, dependendo do tipo do solo e sem preparo do controle das plantas daninhas (mecânico ou químico).

Adubação

Recomendação de Sequeiro geral: Tirar amostras do solo (0 – 20 cm) em áreas homogêneas e enviar para Análise do mesmo, solicitando recomendações de adubação.

Caso o teor de fósforo seja inferior a 10 mg/dm³ (ppm), colocar 40 kg P₂O₅/ha, equivalente a 200 kg/ha de superfosfato simples (20% de P₂O₅), ou seja, 10 g por cova, espaçamento de 1,0 m x 0,5 m. Caso o ano seja bom de chuva, colocar 30 a 50 kg N/ha, na forma de sulfato de amônio (20% de N), ou seja, 7,5 a 12,5 g/cova do fertilizante. Caso a configuração de plantio seja de 1,0 m x 0,3 m, colocar o adubo em sulco mais fundo (3,0 m) e ao lado (3,0 cm) das sementes, na fundação e na cobertura (N), também, para evitar perdas por volatilização.

Obs: No caso de plantio orgânico, usar somente esterco de curral, 20 t/ha.

Irrigado

Colocar P e K de acordo com a análise do solo e N, na quantidade de 100 kg N/ha. Caso seja possível dosar micronutrientes, em especial Boro e Zinco e usar Regulador de Crescimento, como o cloreto de Mepiquat (50 g/ha), produto comercial pix (1l/ha) no início da floração, ou esterco de curral, 40 t/ha, no caso do cultivo orgânico.

Controle de Plantas Daninhas (Mato)**Mecânico + Manual**

Usar o cultivador tratorizado ou a tração animal, com pequena profundidade, no máximo 3,0 cm e no início da infestação. Profundidades maiores cortam as raízes, reduzindo a produtividade. O mesmo é válido para a enxada.

Químico

Usar herbicidas recomendados e registrados no MAPA para a cultura do algodão.

Dá preferência a misturas seletivas de aplicação de pré-emergência, com as dosagens a depender do tipo de solo (conteúdos de argila, tipo de argila, 1:1 ou 2:1 ou óxidos hidratados e de matéria orgânica). Por exemplo: Diuron +alachlor, diuron + pendimethalin, diuron + trifluralina

Se for necessário, usar produtos de pós-emergência total ou dirigida, dependendo das plantas daninhas, do preço dos produtos e do estágio de desenvolvimento do mato. No caso de orgânico não pode usar herbicidas.

Controle de Pragas

Usar o MIP (Manejo Integrado de pragas), com uso de produtos seletivos, amostragens de pragas e determinação dos níveis de controle de cada praga, além das medidas culturais, como destruição dos resíduos da cultura, poda na época certa, uso de redutores de populações de pragas em especial do bicudo.

No caso de orgânico: usar bioinseticidas (fungos, bactérias, etc), e o manejo ecológico e cultural.

Colheita

Iniciar quando cerca de 60% dos frutos estejam abertos;

Não colher frutos doentes e praguejados;

Colher em dia de sol;

Colher com as duas mãos;

Usar sacos de algodão e amarras de algodão de algodão ou cestos;

Colher as plantas de fibra branca separadas (5% do total);

Depois de abrir o restante, proceder a 2ª colheita.

Armazenamento do Algodão em Caroço

Colocar o algodão em local limpo ventilado e sem o acesso de animais, em especial galinhas e gatos, que produzem, respectivamente, penas e pelos, dois dos maiores contaminantes do algodão.

Manejo Pós-Colheita

Após a última colheita, arrancar as plantas produtoras de fibra branca para purificar a população para os 2º e 3º anos da cultura.

Colocar o gado ou caprinos no algodão para se alimentar dos restos culturais, fazendo o controle biológico das pragas.

Antes (pelo menos 1 mês) do início das chuvas do próximo ano, podar as plantas (1º ano, na altura de 20 cm e no 2º ano, os ramos com 20 cm de comprimento).

Colocar 1 TUBO MATA BICUDO (TMB) por hectare na saída do campo, 10 cm dele e antes do plantio ou início das chuvas, outro TMB na entrada do campo (direção do vento é quem define), ou usar controle de bordaduras. No caso do orgânico, não usar o TMB junto.

O Que Deve Ser Evitado?

Deixar o algodão sem podar e sem destruir os restos culturais.

Plantar culturas de anos diferentes juntos (o bicudo pode voar 22 km em um dia a procura de alimento, o algodão, sem pólen e ocorre migração dele do campo mais velho para o mais novo).

Usar sementes de procedência ignorada, sem identidade genética. Deve-se evitar o uso de sementes sem certificação, tipo caroço, e com línter

Vantagens de se Produzir o Algodão Colorido Marrom, BRS 200

Garantia de compra, com pelo menos 30% a mais do que o preço do algodão branco;

Possibilidade de treinamento permanente e diferencial de tratamento em termos de financiamento e segurança da produção, estudo atrelado a Programas especiais;

Participar de uma inovação tecnológica genuinamente nacional.

Referências Bibliográficas

AMORIM NETO, M. da S.; MEDEIROS, J. da C.; BELTRÃO, N.E. de M.; FREIRE, E.C.; NOVAES FILHO, M. de B.; GOMES, D.C. **Zoneamento para a cultura do algodão no Nordeste**. I. Algodão herbáceo. Campina Grande: EMBRAPA -CNPA, 1997. 33p. (EMBRAPA-CNPA. Boletim de Pesquisa, 35).

BELTRÃO, N.E. de; AZEVEDO, D.M.P. de; NÓBREGA, L.B. da; VIEIRA, D.J.; DINIZ, M. de S. **Manejo cultural em algodoeiro herbáceo, espaçamento e densidade de plantio**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1986b. 6p. (EMBRAPA-CNPA. Comunicado Técnico, 28).

BELTRÃO, N.E. de; AZEVEDO, D.M.P. de. **Controle de plantas daninhas na cultura do algodoeiro**. Campina Grande: EMBRAPA-CNPA, 1994. 154p.

Comunicado Técnico, 165

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na: Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário, CP 174
58107-720 Campina Grande, PB
Fone: (0XX) 83 3315 4300
Fax (0XX) 83 3315 4367
e-mail algodão@cnpa.embrapa.br
1ª Edição
Tiragem: 1.000



Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

**Comitê de Publicações**

Presidente: Alderi Emidio de Araújo
Secretária Executiva: Nivia M.S. Gomes
Membros: Demóstenes M.P. de Azevedo
José Welington dos Santos
Lúcia Helena A. Araujo
Márcia Barreto de Medeiros
Maria Auxiliadora Lemos Barros
Maria José da Silva e Luz
Napoleão Esberard de M. Beltrão
Rosa Maria Mendes Freire

Expedientes:

Supervisor Editorial: Nivia M.S. Gomes
Revisão de Texto: Nisia Luciano Leão
Tratamento das ilustrações: Maria do Socorro A. de Sousa
Editoração Eletrônica: Maria do Socorro A. de Sousa